



EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

4

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora

Ano 2020



EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

4

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)

 **Atena**
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação: atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado 4

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>Educação [recurso eletrônico] : atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado 4 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-271-5 DOI 10.22533/at.ed.715201908</p> <p>1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Planejamento educacional. I. Silva, Américo Junior Nunes da.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores brasileiros.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo destrato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. Precisamos criar diferentes espaços de resistência a todos os retrocessos que nos estão sendo impostos. O quarto volume deste livro, intitulado “**Educação: Atualidade e Capacidade de Transformação do Conhecimento Gerado**”, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, aqueles que pensam a Educação Inclusiva em diferentes instituições e regiões do país.

Este livro, portanto, reúne trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional brasileiro e as questões voltadas a inclusão. Os capítulos que compõe essa obra abordam, de forma interdisciplinar, a partir da realização de pesquisas, relatos de casos e revisões, problemas e situações comuns do contexto educacional e que apresentam como objeto de estudo a Educação Inclusiva.

Por fim, ao levar em consideração todos os elementos que apresentamos anteriormente, esta obra, a partir das discussões que emergem de suas páginas, constitui-se enquanto importante leitura para aqueles que fazem Educação no país ou aqueles que se interessam pelas temáticas aqui discutidas. Nesse sentido, desejo uma boa leitura a todos e a todas.

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
NÚCLEO DE ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO: A EXPERIÊNCIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA	
Anatália Dejane Silva de Oliveira Gracy Kelly Andrade Pignata Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7152019081	
CAPÍTULO 2	14
MATRÍCULAS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO ENSINO SUPERIOR: ANÁLISE A PARTIR DE SINOPSES ESTATÍSTICAS	
Juliane Aparecida de Paula Perez Campos Waldísia Rodrigues de Lima Graciliana Garcia Leite	
DOI 10.22533/at.ed.7152019082	
CAPÍTULO 3	24
JOGO LIBRÁRIO DO MEIO AMBIENTE: TECNOLOGIA SOCIAL E DESIGN PARA O ENSINO DE LIBRAS	
Flavia Neves de Oliveira Castro Nadja Maria Mourão Rita de Castro Engler Isabela Cristina Teixeira Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.7152019083	
CAPÍTULO 4	33
INCLUSÃO DE LIBRAS PARA CRIANÇAS OUVINTES POR MEIO DE JOGOS EDUCATIVOS	
Marina Barros Batista Almir Vieira de Sousa Neto Jackeline Dias Cunha Nogueira Amanda Azevedo Torres Esther Barata Machado Barros Yndri Frota Farias Marques Tamara Simão Bosse Adriano Joab Meneses Mesquita Rebeca Coêlho Linhares Luana Cristina Farias Castro Áurea Izabel de Andrade Barroso Clesivane do Socorro Silva do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.7152019084	
CAPÍTULO 5	38
A TRAJETÓRIA DA CRIANÇA COM TEA: DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO INGRESSO NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Paloma Rodrigues Cardozo Andreia Mendes dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7152019085	
CAPÍTULO 6	46
LIBRAS E A EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL	
Alana Francine Freitas Xavier Larissa Ingreddy Tavares Andreia de Cassia Silva Machado	

Ludmila Grego Maia
Patrícia Leão da Silva Agostinho
Yolanda Rufina Condorimay Tacsí
Katarinne Lima Moraes

DOI 10.22533/at.ed.7152019086

CAPÍTULO 7 52

A INCLUSÃO DE UM ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN EM UMA ESCOLA DE ENSINO REGULAR EM FORTALEZA-CE: PRÁTICAS DOCENTES NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR

Francisca Camila Araújo da Silva
Antonia Kátia Soares Maciel

DOI 10.22533/at.ed.7152019087

CAPÍTULO 8 61

O PAINEL SENSORIAL COMO UM INSTRUMENTO PEDAGÓGICO PARA O PÚBLICO-ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Francisca Helen Veloso Euzébio
Ana Caroline Marques de Araújo
Renata Gomes Monteiro

DOI 10.22533/at.ed.7152019088

CAPÍTULO 9 70

POLÍTICAS INCLUSIVAS E COMPENSATÓRIAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA: PROGRAMA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL NO INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ

Diana Gurgel Pegorini

DOI 10.22533/at.ed.7152019089

CAPÍTULO 10 75

A IMPLANTAÇÃO DO NÚCLEO DE ATENDIMENTO PARA PESSOAS SURDAS: ESPAÇO DE INTERAÇÃO E VISIBILIDADE DA CULTURA SURDA

Marcia Pereira de Sousa
Normandia de Farias Mesquita Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.71520190810

CAPÍTULO 11 85

REFLEXÕES ACERCA DA INCLUSÃO DO ALUNO SURDO E O ENSINO DE LIBRAS

Ana Claudia Tenor

DOI 10.22533/at.ed.71520190811

CAPÍTULO 12 95

LIBRAS EM MODALIDADE SINALIZADA E O PORTUGUÊS EM MODALIDADE ESCRITA: OS SURDOS EM MEIO À SOCIEDADE GRAFOCÊNTRICA

Josiane Coelho da Costa
Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.71520190812

CAPÍTULO 13 105

ANÁLISE CONCEITUAL DE TERMINOLOGIAS EM LIBRAS DAS DISCIPLINAS DE QUÍMICA E BIOLOGIA

Tháisa Cardoso Nascimento Borges
Maloní Montanini Mafei César
Michelly Christine dos Santos
Lourena Cristina de Souza Barreto

DOI 10.22533/at.ed.71520190813

CAPÍTULO 14 119

A LUDICIDADE COMO FERRAMENTA PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Ana Beatriz Guimarães Quadros
Daniele Pereira de Sousa
Simone Maria Campelo Machado
Degiane da Silva Farias

DOI 10.22533/at.ed.71520190814

CAPÍTULO 15 134

EDUCAÇÃO ESPECIAL EM CONTEXTOS DISTINTOS: BRASIL E MOÇAMBIQUE

Amisse Alberto
Márcia de Fátima Barbosa Corrêa
Neusa Teresinha Rocha dos Santos
Cláudia Aparecida Prates

DOI 10.22533/at.ed.71520190815

CAPÍTULO 16 141

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE AS AÇÕES DE FORMAÇÃO DO IFRN

Josanilda Mafra Rocha de Moraes
Lenina Lopes Soares Silva

DOI 10.22533/at.ed.71520190816

CAPÍTULO 17 152

CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA NO ENSINO DE INGLÊS PARA SURDOS

Bruna de Oliveira Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.71520190817

CAPÍTULO 18 159

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E GARANTIA DE DIREITO A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Andréia Farias de Jesus
Ana Marta Gonçalves Soares
Daniel Costa Gomes de Souza
Lucas Bastos de Oliveira Lima

DOI 10.22533/at.ed.71520190818

CAPÍTULO 19 167

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL E O DIREITO À CIDADE

Samantha Sena e Pinto
Julia Freitas
Ivonete Barreto de Amorim
Cláudia Regina de Oliveira Vaz Torres

DOI 10.22533/at.ed.71520190819

CAPÍTULO 20 180

O ESTUDO DO DISCURSO COMO INSTRUMENTO DE ENSINO DE LIBRAS COMO L2 PARA SURDOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Andréa dos Guimarães de Carvalho
Gilmar Garcia Marcelino
Kelly Francisca da Silva Brito
Renata Rodrigues de Oliveira Garcia

DOI 10.22533/at.ed.71520190820

CAPÍTULO 21	187
REVISÃO DA LITERATURA SOBRE DISLEXIA: CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA	
Marília Piazzzi Seno	
Simone Aparecida Capellini	
DOI 10.22533/at.ed.71520190821	
CAPÍTULO 22	196
O <i>CUIDADOR</i> ESCOLAR EM UM SISTEMA EDUCACIONAL INCLUSIVO	
Rosimar Bortolini Poker	
Bruna Caroline Cardoso Komatsu	
DOI 10.22533/at.ed.71520190822	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	208
ÍNDICE REMISSIVO	209

A LUDICIDADE COMO FERRAMENTA PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Data de aceite: 03/08/2020

Data de submissão: 05/05/2020

Ana Beatriz Guimarães Quadros

Universidade Federal do Pará, UFPA,
Bragança – Pará

<http://lattes.cnpq.br/2505602760537662>

Daniele Pereira de Sousa

Universidade Federal do Pará, UFPA,
Bragança – Pará

<http://lattes.cnpq.br/8307614110162372>

Simone Maria Campelo Machado

Universidade Federal do Pará, UFPA,
Bragança – Pará

<http://lattes.cnpq.br/3416892716546686>

Degiane da Silva Farias

Universidade Federal do Pará
Bragança – Pará

<http://lattes.cnpq.br/2996317268837531>

RESUMO: O artigo tem por objetivo investigar como a ludicidade utilizada enquanto prática pedagógica pode auxiliar no processo de ensino-aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O referencial teórico deste estudo é composto por Pinto (2016), Maria Montessori e Almeida (1995) entre outros. Na

metodologia é utilizada a abordagem qualitativa da pesquisa, a partir de um levantamento de dados documentais e bibliográficos, assim como, pesquisa exploratória em uma escola de educação infantil do município de Bragança/Pa. Como resultados aponta-se que a utilização da ludicidade como prática pedagógica com alunos autistas ajuda a aprimorar seus conhecimentos, relações sociais, seus talentos e habilidades, para tanto, é necessário qualificação profissional para os docentes, ajuda e incentivo da família e da escola, apoio e compromisso do Estado na construção e implementação de políticas públicas.

PALAVRAS-CHAVE: ludicidade; autismo; inclusão.

LUDICITY AS A TOOL FOR THE TEACHING-LEARNING PROCESS OF STUDENTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD)

ABSTRACT: The article aims to investigate how ludicity used as a pedagogical practice may reinforce the teaching-learning process of students with Autism Spectrum Disorder (ASD). The theoretical framework of this study is based on Pinto (2016), Maria Montessori and Almeida (1995) among others. The methodology adopts the qualitative approach of research, from a

survey of documental and bibliographic data, as well as an exploratory research in an early childhood school in the municipality of Bragança/PA. As its results, it is pointed out that the use of ludicity as a pedagogical practice with autistic students helps to improve their knowledge, social relations, their talents and abilities. Therefore, it is necessary to promote professional qualification for teachers, help and encouragement from family and school, State support and commitment in the construction and implementation of public policies.

KEYWORDS: ludicity; autism; Inclusion.

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo foi elaborado primeiramente como parte das atividades avaliativas desenvolvidas na disciplina Ludicidade e Educação, do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança. Surgiu a partir de reflexões e questionamentos a respeito da ludicidade: ela pode ser usada como ferramenta pedagógica? E quanto aos alunos com autismo? Pode ser trabalhado com eles?

Segundo a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) em seu artigo 27 estabelece que:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Desse modo o papel da escola é de suma importância para o desenvolvimento completo desse ser humano. Porém quando se tratar de pessoas com deficiências, principalmente crianças, é quase sempre difícil encontrar o método adequado e inclusivo para se ensinar esses alunos e para o cumprimento dessa lei.

Portanto procuramos expor como a utilização da ludicidade é capaz de contribuir para o aprendizado da criança para que ela possa ampliar seus talentos e habilidades. Desse modo utilizamos como base para discursão do referencial teórico: Pinto (2016), Maria Montessori e Almeida (1995) entre outros autores, juntamente com uma pesquisa exploratória realizada na E.M.E.I.F. Gerson Alves Guimarães.

O objetivo geral deste artigo é investigar como a ludicidade utilizada como prática pedagógica auxiliar no processo de ensino-aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os objetivos específicos são: investigar como os professores podem trabalhar o lúdico na sala de aula e como essa metodologia pode contribuir no processo de ensino inclusão escolar e social do aluno com autismo.

A relevância desta pesquisa se baseia no sentido em que investiga na teoria e na prática a relação da utilização do lúdico como ferramenta pedagógica de ensino-

aprendizagem aplicada a crianças com espectro autista, e assim contribuirá para ampliar o conhecimento de novos métodos de aprendizagem para o meio acadêmico e escolar.

2 | O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

A palavra “autismo” deriva do grego “autos”, que significa “voltar-se para si mesmo”. Segundo a Revista Autismo “O autismo — nome técnico oficial: Transtorno do Espectro Autismo (TEA) — é uma condição de saúde caracterizada por déficit em três importantes áreas do desenvolvimento: comunicação, socialização e comportamento”, e seu diagnóstico “é clínico, baseado nos critérios do DSM-IV. Os exames de neuroimagem e neurofisiologia e os estudos genéticos contribuem para o melhor entendimento da neurobiologia do autismo” (GADIA, TUCHMAN e ROTTA, 2004, p. 83). Sua epidemiologia “corresponde a aproximadamente 1 a 5 casos em cada 10.000 crianças, numa proporção de 2 a 3 homens para 1 mulher.¹⁵ Observa-se assim uma predominância do sexo masculino, conforme citado por Frith (1989)¹⁶ ou pelo próprio DSM IV” (ASSUNÇÃO JR e PIMENTEL, 2000). Para se identificar em crianças os sintomas do autismo é recomendada pela Sociedade Brasileira de Pediatria a escala M-CHAT, que é um teste com perguntas respondidas pelos pais sobre o comportamento do filho e quando se possui uma pontuação avançada é feita a avaliação com uma equipe de especialista para se confirma ou não se a criança possui o Transtorno do Espectro Autismo. Os principais sintomas que se deve ficar atento é quando a criança: (REVISTA AUTISMO)

- Não manter contato visual por mais de 2 segundos;
- Não atender quando chamado pelo nome;
- Isolar-se ou não se interessar por outras crianças;
- Alinhar objetos;
- Ser muito preso a rotinas a ponto de entrar em crise;
- Não brincar com brinquedos de forma convencional;
- Fazer movimentos repetitivos sem função aparente;
- Não falar ou não fazer gestos para mostrar algo;
- Repetir frases ou palavras em momentos inadequados, sem devida função (ecolalia);
- Não compartilhar seus interesses e atenção, apontando para algo ou não olhar quando apontamos algo;
- Girar objetos sem uma função aparente;

- Interesse restrito ou hiperfoco;
- Não imitar;
- Não brincar de faz-de-conta.

Assim sendo a pessoa que possui o Transtorno do Espectro Autismo é considerada uma pessoa com deficiência para todos os termos legais, sancionada em 27 de dezembro de 2012 pela Lei Berenice Piana (12.764/12), que garanti a sua proteção e inclusão no ambiente escolar:

§ 2o A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais.

I - A intersetorialidade no desenvolvimento das ações e das políticas e no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista;

II - a participação da comunidade na formulação de políticas públicas voltadas para as pessoas com transtorno do espectro autista e o controle social da sua implantação, acompanhamento e avaliação;

III - a atenção integral às necessidades de saúde da pessoa com transtorno do espectro autista, objetivando o diagnóstico precoce, o atendimento multi-profissional e o acesso a medicamentos e nutrientes;

VI - A responsabilidade do poder público quanto à informação pública relativa ao transtorno e suas implicações;

VII - O incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como a pais e responsáveis;

Outro avanço significativo para a inclusão escolar foi a implementação do atendimento educacional especializado – AEE regulamentado pelo do Decreto nº 6.571 de 18 de setembro de 2008 *“que tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas”* (BRASIL, Ministério da Educação). Desse modo os alunos com deficiência estudam no contraturno com o auxílio de atividades e recursos extras de acessibilidade para superar suas dificuldades escolares e possam acompanhar com mais facilidade sua turma regular. Porém para garantir a inclusão das crianças com autismo no ambiente escolar é preciso mais do que só esses espaços especializados, como o AEE, pois *“os espaços especializados, por si só, não garantem a inclusão escolar dos alunos com deficiência”* (OLIVEIRA, LIMA e SANTOS, 2015 p. 101), pois é preciso que o professor esteja qualificado para saber como trabalhar com seu aluno especial, conhecer suas habilidades, dificuldades, sua forma de interação, seu ritmo de aprendizagem, etc, e também ajudar a se adaptar e ter uma boa relação com seus outros colegas, porque *“em crianças pequenas com transtorno do espectro autista, a ausência de capacidades sociais e comunicacionais pode ser um impedimento à aprendizagem,*

especialmente à aprendizagem por meio da interação social ou em contextos com seus colegas” como é ressaltado no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

3 | LUDICIDADE

A palavra “lúdico” vem do latim “ludus” que quer dizer “brincar”, a ludicidade está presente em todas as atividades que envolvem jogos, brincadeiras, desenhos, música, dança, etc. Desse modo esta diretamente relacionada com a aprendizagem, pois possibilita um ensino divertido e prazeroso. Esta pratica esta presente na história da humanidade desde a antiguidade até os dias atuais:

As crianças, desde a antiguidade já brincavam com brincadeiras de construir e demolir, jogos de pular objetos e tantas outras atividades lúdicas. Ao longo da história, as atividades lúdicas foram sendo compreendidas e discernidas pela sociedade conforme a sua concepção de mundo. As famílias desenvolviam atividades lúdicas por meio das brincadeiras com suas crianças para oportunizar conhecimento, ensinando-os assim suas responsabilidades e obrigações. (OLIVEIRA, 2010, p. 32).

Portanto o lúdico é importante porque é através do mesmo que segundo Vygotsky (1991) que a criança desenvolve relações sociais, cognitivas e afetivas, aprendi a se relacionar com o mundo que a cerca utilizando sua capacidade de imaginar, como também enfatiza Piage (1976, p. 160), *“o jogo é, portanto, sob as suas duas formas essenciais de exercício sensório motor e de simbolismo, uma assimilação do real à realidade própria, fornecendo a este seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu [...]”*, desse modo por meio de simples jogos como queimada, pega-pega, pira se esconde, amarelinha, adedonha, elástico, entre outros, a criança aprende a importância do companheirismo, das regras, do respeito, superar desafios, superar conflitos e frustrações como perder, etc.

No ambiente escolar a ludicidade é de suma importância, pois é uma prática pedagógica que desempenha atividades que ajudam a fugir da “rotina”, baseada no modelo tradicional de ensino onde o professor somente ensina o seu aluno praticas repetitivas e cansativas que geralmente é fundamentado na repetição, utilizar o lúdico, principalmente na educação infantil, *“significa transportar para o campo do ensino-aprendizagem condições para maximizar a construção do conhecimento, introduzindo as propriedades do lúdico, do prazer, da capacidade de iniciação e ação ativa e motivadora”* (BRASIL, RCNEI, 1998, p. 230), e como também ressalta Almeida (1995, p. 41 apud DALLABONA e MENDES, 2004, p. 107):

“A educação lúdica contribui e influencia na formação da criança, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integrando-se ao mais alto espírito democrático enquanto investe em uma produção séria do conhecimento. A sua prática exige a participação franca, criativa, livre, crítica, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio.” Almeida (1995, p. apud DALLABONA e MENDES, 2004, p. 107).

4 | METODOLOGIA

A seguinte pesquisa ocorreu no município de Bragança, nordeste do Estado do Pará, tendo como lócus a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Gerson Alves Guimarães, localizada na Avenida Nazeazeno Ferreira, s/n – centro. Os sujeitos da investigação foram os alunos da educação infantil e do ensino fundamental, a diretora do colégio e três professoras, sendo duas do 1º ano do ensino fundamental e uma do Pré I da educação infantil.

Metodologicamente escolheu-se a abordagem qualitativa que segundo Minayo (2001, p.22) é *“A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas ciências sociais com um nível de realidade que pode ou não deveria ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e atitudes.”*

Desse modo a pesquisa ocorreu em duas etapas: a primeira com o levantamento de dados documentais e bibliográficas sobre os temas discutidos neste artigo, na segunda etapa realizou-se uma pesquisa exploratória na escola E.M.E.I.F. Gerson Alves Guimarães, onde houve a observação da estrutura do prédio, do horário do intervalo, da prática do professor em sala de aula e principalmente da interação social e escolar de um aluno do 1º ano do ensino fundamental diagnosticado com o Transtorno de Espectro Autista (TEA), efetuou-se também entrevistas e diálogos informais com a diretora da instituição de ensino, com a professora do aluno autista do 1º ano do ensino fundamental, com a professora da outra turma do 1º ano e com uma professora do Pré I da educação infantil.

Os materiais utilizados na pesquisa foram lápis, canetas e cadernos para se fazer anotações das informações obtidas nas observações, diálogos e entrevistas, aparelhos celulares para se realizar registros fotográficos da instituição de ensino, dos alunos e professores nas salas de aula e no horário do intervalo.

Por fim ocorreu-se a análise dos dados que como ressalta Lüdke e André (1986, p. 45) é *“analisar os dados qualitativos significa ‘trabalhar’ todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos das observações, as transcrições de entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis”* [grifo do autor], desse modo fizemos uma análise e intercruzamento dos documentais e bibliográficos com as informações das entrevistas, observações e fotografias obtidas na pesquisa exploratória.

5 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

A diretora da escola E.M.E.I.F. Gerson Alves nós recebeu para a pesquisa exploratória contou-nos que o prédio no geral não era o mais apropriado para o funcionamento de uma escola, pois não é espaçoso, as salas são pequenas e tiveram que diminuir as turmas por esse motivo, o corredor é pequeno e muito estreito, e assim tiveram que fazer algumas

adaptações na rotina escolar para não prejudica seu funcionamento. Contou-nos também que em uma das turmas do 1º ano do ensino fundamental se possui entre os alunos um menino de 6 anos que é uma criança especial que foi comprovado esse ano através de laudo médico que o mesmo tem um grau de autismo leve, que de acordo com Pinto (2016): *“O autismo também é conhecido como Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido como uma síndrome comportamental que compromete o desenvolvimento motor e psiconeurológico dificultando a cognição, a linguagem e a interação da criança”*.

Desse modo ela nos disse com muito orgulho que o aluno é um artista talentoso que faz pinturas abstratas e tem um de seus quadros exposto no corredor como pode ser observado abaixo: (imagem 1)

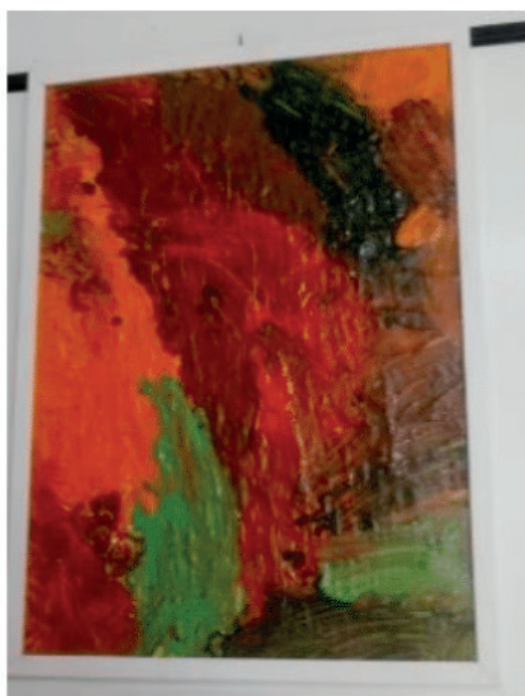


Imagem 1: pintura abstrata do aluno

Fonte: arquivo pessoal, 2019.

Pode-se perceber pela pintura abstrata (imagem 1) que o aluno em questão pintou que o mesmo tem um grande talento, e a diretora contou que a escola desde que descobriu esse seu dom artístico vem o incentivando no desenvolvimento da pintura com ajuda dos pais, tanto que o menino já fez uma exposição de arte no museu da maruja da cidade, já vende seus quadros, algumas escolas e instituições já encomendaram seus quadros, entre outras coisas mais. Este incentivo a sua arte é muito importante para esta criança, não somente desenvolver seu talento, mas também para ajudar nas suas dificuldades decorrentes do autismo, porque *“uma obra de arte não é a representação de uma coisa, mas a representação da relação do artista com aquela coisa. [...] Quanto mais se avança na arte, mais se conhece e demonstra autoconfiança, independência, comunicação e*

adaptação social” (ALBINATI, 2009, p. 4 apud SILVA et al, 2010, p. 98). Desse modo através dessa atividade lúdica, que é a pintura, pode-se incentiva-lo a expressar suas dificuldades sociais, emocionais e escolares que o mesmo não consegue expressar em gestos e palavras, e aprender como o mesmos ver o mundo ao seu redor.

A diretora nós deu permissão para observar os alunos no horário do intervalo, que é um dos horários mais importantes, pois é lar que a criança desenvolve conhecimentos significativos para a sua vida, interage com as outras, é através do jogo “[...] *que a criança desenvolve o seu conhecimento do mundo adulto e é também nela que surgem os primeiros sinais de uma capacidade especificamente humana: a capacidade de imaginar.*” Vygotsky (1991, p. 122). Observamos sobre tudo o comportamento social do aluno autista com as crianças da sua faixa etária. Realizamos registros fotográficos desse momento como pode ser visto abaixo (imagens 2 e 3):



Imagem 2: alunos da educação infantil no intervalo

Fonte: arquivo pessoal, 2019



Imagem 3: alunos do ensino fundamental no intervalo

.Fonte: arquivo pessoal, 2019.

Observou-se que por conta da estruturação do prédio da escola o recreio dos alunos é dividido por etapa, a educação infantil que são crianças menores e pouco mais agitadas acabam tendo seu intervalo realizado no corredor estreito (imagem 2), onde as professoras e as cuidadores colocam brinquedos diversos, túnel, cabanas, entre outros, para os alunos se divertirem neste horário; já as turmas do 1º e 2º ano dos anos iniciais do ensino fundamental tem mais liberdade em seu recreio (imagem 3), pois o mesmo é do lado de fora onde as professoras e cuidadoras colocam traves e uma bola para eles jogarem futebol, algumas meninas brincam de casinha com bonecas e utensílios domésticos de brinquedos, jogam amarelinha que é pintada no chão da escola, leem alguns livros no cantinho da leitura, correm, entre outras.

O aluno autista mencionado acima durante o intervalo brincou de bola, correu e interagiu normalmente com seus coleguinhas de turma e com as crianças de outras

turmas. Nessa forma lúdica do brincar no intervalo/recreio com seus colegas percebe-se sua importância social e pedagógica para as crianças, principalmente as especiais, pois a brincadeira *“pressupõe uma aprendizagem social. Aprende-se a brincar e a interagir com o outro. Certamente, há muitas brincadeiras que podem ser transmitidas às crianças por elas próprias ou pelos adultos, como as brincadeiras tradicionais recorrentes no recreio (SOUZA, 2009, p.79)”*.

Porém o mesmo ficou relutante na hora de voltar para a sala de aula no final do intervalo. Com a autorização da diretora da escola fomos até a sala da turma do 1º ano onde o aluno estuda, pedimos para a professora da classe se podíamos observar a sua aula e ela aceitou. A aula do dia era uma atividade para os alunos identificarem palavras com a letra M e as escreverem em seus cadernos e os alunos participaram da atividade e a professora ia de aluno em aluno os ajudando (Imagem 4).



Imagem 4: sala de aula do 1º ano

Fonte: arquivo pessoal, 2019.

Durante a aula o aluno autista não participou da atividade, ficava distraído mascarando um chiclete e dava para se perceber que ele estava em seu próprio “mundo particular”, depois de um tempo sentado ele não parou mais na sala de aula, saindo a todo momento para passear pela escola, conversando com as funcionárias e professoras que via pelo seu caminho, elas pediam para ele voltar para a sala e ele voltada, mas ficava nesse entre e saía da sala de aula (imagem 5). A professora da classe estava sozinha na sala com sua turma, pois a cuidadora dele não estava presente, e a mesma o chamava pelo seu nome e pedia para ele se sentar e fazer a atividade, e o mesmo não a obedecia, e a professora não podia deixar os seus outros alunos para ficar a todo momento atrás de seu aluno especial, conseqüentemente o aluno acabou não participando das atividades escolares e não aprendeu como seus colegas.

Deste modo pode-se perceber na realidade escolar, com o caso deste aluno, a importância do cuidador escolar que é direito da pessoa com autismo conforme a lei nº 12.764/12, Estatuto da Pessoa com Transtorno Global, nos termos do art. 3º, Parágrafo único: *“em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular terá direito a acompanhante*

especializado”, pois este profissional auxilia a professora da classe a ensinar este seu aluno especial que precisa de uma maior atenção e por isso sua importância neste processo de ensino-aprendizagem.



Imagem 5: aluno passeando pela escola durante a aula

Fonte: arquivo pessoal, 2019.

A professora relatou que seu aluno especial ficava muito disperso, distraído e não gostava de fazer os deveres e ainda ficava distraído seus colegas de turma tentando conversar, só fazia as atividades escolares, a não ser as que envolviam de algum modo a pintura que é seu maior interesse, em seus “momentos de ataque” como disse a professora ele começava a gritar e a chorar bem alto que dava para se ouvir por toda a escola, o aluno não gostava de nenhum modo de ser contrariado e a professora põe a culpa dessa “desobediência” e “maus modos” nos pais de seu aluno que não impõe limites no seu filho e por isso esse comportamento na escola.

Porém esse comportamento encontrado nesse aluno é algo comum para crianças que são autistas, pois as principais características do Transtorno do Espectro Autista (TEA) são *“anormalidades qualitativas nas três áreas seguintes: interação social, comunicação e comportamento, que é restrito e repetitivo (OMS, 1993)”* (MARQUES e ARRUDA, 2007, p. 115), desse modo pode-se constatar que a professora não tinha conhecimento sobre essas características, acabando por conta disso se equivocando em suas afirmações, o correto seria esta professora ter uma qualificação adequada como é previsto na lei, e também *“[...] ter paciência, conhecer seu aluno e buscar estratégias para atender a todos os tipos de deficiência em uma mesma sala de aula. [...]”* (MANICA e CALIMAN, 2015, p. 250 apud RODRIGUES e PASSERINO, 2018), para desse modo saber como interagir e ensinar o seu aluno especial e seus futuros alunos que possam vir ter alguma deficiência.

Além disso foi investigado mais duas turmas da escola E.M.E.I.F. Gerson Alves Guimarães, uma outra turma do 1º ano do ensino fundamental e a segunda turma observada foi uma do Pré I da educação infantil, com o objetivo de se perceber como estava sendo trabalhado a ludicidade como forma de aprendizagem na escola. Observou-se que ambas estavam tendo atividades lúdicas envolvendo a pintura e o desenho com

os alunos.

A primeira professora do 1º ano estava utilizando a atividade de pintura como forma de deixar os seus alunos mais relaxados (imagem 6), pois já tinham acabado suas atividades de ensino propostas para o dia, e a professora disse que faz isso com frequência, pois gosta muito de incentivar o lado artístico de seus alunos.



Imagem 6: alunos do 1º ano na atividade lúdica

Fonte: arquivo pessoal, 2019.

A segunda professora do Pré I nos contou que primeiramente passou um pequeno vídeo animado de menos de cinco minutos que tinha alguns gatinhos coloridos que ensinavam sobre boas maneiras e a importância de se usar “palavrinhas mágicas”: com licença, por favor, obrigado, desculpa, no final do vídeo ela conversou com seus alunos sobre os ensinamentos repassados no vídeo e por fim pediu as crianças para desenharem o que aprenderam com o vídeo (imagem 7) para ver se os mesmos tinham de fato aprendido. Por meio dos desenhos feitos por essas crianças do Pré I (por exemplo das imagens 8 e 9) e também pelos relatos por elas mesmas, onde nos contavam em detalhes sobre a história dos gatinhos podemos perceber que elas realmente prestaram atenção no vídeo e na conversa com a sua professora, elas falavam sobre as cores dos gatinhos e o que cada um representava, por exemplo.



Imagem 7: alunos do pré I na atividade lúdica

Fonte: arquivo pessoal, 2019.



Imagens 8: desenho de um aluno do pré I

Fonte: arquivo pessoal, 2019.



Imagens 8: desenho de um aluno do pré I

Fonte: arquivo pessoal, 2019.

Desse modo podemos perceber que as professoras da escola Gerson Alves Guimarães já utilizam com suas turmas a ludicidade como ferramenta pedagógica e este é um ponto muito positivo do ensino repassado na escola, pois como ressalta Almeida (1995, p. 41 apud DALLABONA e MENDES, 2004, p. 107):

“A educação lúdica contribui e influencia na formação da criança, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integrando-se ao mais alto espírito democrático enquanto investe em uma produção séria do conhecimento. A sua prática exige a participação franca, criativa, livre, crítica, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio.” Almeida (1995, p. apud DALLABONA e MENDES, 2004, p. 107).

O método de Maria Montessori é muito importante para ser utilizado com crianças autistas, sobre tudo porque ela observou e estudou essas crianças para desenvolver este método, onde “[...] os conhecimentos que se aplicam em sala de aula devem fundamentar-se na observação e na experimentação[...]” (ANTUNES, 2005, p. 30), para isso o ambiente, a sala de aula, é adaptado para estimular o auto conhecimento: os objetos ficam a altura da criança, os materiais didáticos são bem coloridos e estimulantes ao sentidos, para despertar a atenção e o interesse do aluno em aprender, e principalmente os professores são mediadores e não “donos” do conhecimento.

Portanto com essa pesquisa pode-se perceber que a ludicidade é uma ferramenta de prática pedagógica eficaz para se utilizar com alunos com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), pois a mesma ajudou aprimorar seus conhecimentos, relações sociais e com o meio, seus talentos e habilidades, entre outras. Conhecer o aluno, seus interesses e hobbies seria uma maneira importante de usar a lúdico, o professor também “deve-se compreender as manifestações simbólicas dessas atividades lúdicas e procurar-se adequá-las às necessidades das crianças” (PIAGE, 1976, p. 48), como ressalta Piage, pois assim poderia usar a atividade proposta de forma correta, faz com que o aluno tenha interesse e assim não cometendo o erro de excluir o aluno, ao em vez de incluí-lo e não conseguir obter nenhum tipo de aprendizagem. No exemplo do aluno com autismo encontrado na escola pesquisa, por exemplo, utilizar a pintura é umas das formas mais eficazes para ajudá-lo com suas dificuldades escolares, pois a mesma é um dos seus

grandes paixões e interesses, neste sentido seria muito importante a professora deste aluno trabalhar a pintura com ele pois:

A pintura trabalhada com as crianças tem objetivos que vão além do simples prazer em manipular mãos e pincéis. Através do contato com diversos materiais disponíveis para a manipulação com as tintas, cola, álcool, entre outros, as crianças podem expressar sentimentos diversos na superfície trabalhada, além de desenvolver, assim como o desenho, sua habilidade motora que, futuramente, na sua alfabetização, será fundamental no desenvolver das letras. (SILVA et al, 2010, p. 99).

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto para o professor saber trabalhar práticas pedagógicas utilizando a ludicidade com seus alunos com autismo, ou qualquer outro tipo de deficiência, é preciso que o mesmo possua uma qualificação profissional adequada, ajuda e incentivo da família e da escola, apoio e compromisso do Estado para proporcionar estas qualificações profissionais, oferecer uma escola com boas estruturas físicas e pedagógicas, pois como resalta MOYLES (2002, p. 106): *“para brincar de modo efetivo, as crianças precisam de companheiros de brincadeiras, materiais, áreas, oportunidade, espaço, tempo, entre outros”*.

Ser professor (a) da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental é mais do que simplesmente dá aulas, é preciso ter amor a profissão e pelos seus alunos, ter compreensão e paciência, principalmente se tiver crianças autistas, pois responsabilidade do mesmo *“a atenção especial e a sensibilização dos alunos e dos envolvidos para saberem quem são e como se comportam esses alunos autistas”* (SANTOS, 2008, p.30), assim contribuir para esse processo de inclusão do aluno na sala de aula com seus colegas, buscar sempre que possível obter novos conhecimentos de ajudar todos os seus alunos a desenvolverem o máximo de suas habilidades, como enfatiza o mestre Paulo Freire (1996) que diz que o professor deve criar as possibilidades durante as suas aulas para seus alunos mesmos façam perguntas e questionamentos, serem curiosos, desinibidos, etc. E desse modo possam se tornar serem críticos e criarem por si só a sua própria produção ou construção de conhecimento.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, O embrião do espírito. In: **Viver Mente e Cérebro**. Coleção Memória da Pedagogia–Montessori. São Paulo: Duetto Editorial, p. 28-37, 2005.

ASSUNÇÃO JR, Francisco B, PIMENTEL, Ana Cristina M. Autismo infantil. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. 2000;22(Supl 1):37-9. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v22s2/3795.pdf>>. Acessado em: 3 de jan. de 2020.

BRASIL, 2015, Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20152018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 17 de nov. de 2019.

BRASIL, **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acessado em: 4 de jan. de 2020.

BRASIL. Lei 12.764 de 27 de dezembro de 2012. **Lei Berenice Piana**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12.764.htm> Acesso: 3 de jan. de 2020.

DALLABONA, Sandra R.; MENDES, Sueli M. S. O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: JOGAR, BRINCAR, UMA FORMA DE EDUCAR. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**. Vol. 1 n. 4 - jan.-mar./2004. ISSN 1415-6396.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 18. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADIA, Carlos A; TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. *Jornal de Pediatria* - Vol. 80, N°2(supl), 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v80n2s0/v80n2Sa10>>. Acessado em: 3 de jan. de 2020.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS. [recurso eletrônico] : DSM-5 / [American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. — 5. ed. — Dados eletrônicos. — Porto Alegre : Artmed, 2014. Disponível em: <<http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>>. Acessado em: 4 de jan. de 2020.

MARQUES, Carla Fernandes Ferreira da Costa; ARRUDA, Sérgio Luiz Saboya. **Autismo infantil e vínculo terapêutico**. *Estud. Psicol.* (Campinas) [online]. 2007, vol. 24, n. 1, p. 115-124. ISSN 0103-166X. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103166X2007000100013&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acessado em: 17 de nov. de 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOYLES, Janet R. **A excelência do brincar: A importância da brincadeira na transição entre educação infantil e anos iniciais**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

OLIVEIRA, Ivanilde A.; LIMA, Katia do Socorro Carvalho; SANTOS, Tânia Regina Lobato. A organização da sala de recursos multifuncionais em escolas públicas: espaço, tempo e atendimento escolar. **Revista Cocar**, Belém, Edição Especial, n. 1, p. 101-126, jan./jul. 2015.

OLIVEIRA, J. R. **O prazer de aprender brincando**. Niterói: Ática, 2010.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação de jogo**. São Paulo: Znanh, 1976.

PINTO, R. N. M et al. **Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares**. *Ver. Gaúcha Enferm.* 2016, set; 37(3): e61572.

REVISTA AUTISMO. O que é autismo?. Disponível em: <<https://www.revistaautismo.com.br/o-que-e-autismo/>>. Acessado em: 3 de jan. de 2020.

SANTOS, Ana Maria T. **Autismo**: um desafio na alfabetização e no convívio escolar. São Paulo: CRDA, 2008.

SILVIA, Elizangela Aparecida da. et al. **Fazendo arte para aprender**: A importância das artes visuais no ato educativo. *Pedagogia em ação*, v.2, n.2, p. 1-117, nov. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/4850>>. Acessado em: 4 de jan. de 2020.

SOUZA, A. P. V. **As Culturas Infantis no Espaço e Tempo do Recreio**: Constituindo Singularidade Sobre a Criança. Belém, 2009. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal do Pará, 2009. Disponível em: . Acesso em: 18 de nov. de 2019.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 21, 22, 23, 77, 79, 122, 145, 163, 164, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 201

Ações Afirmativas 1, 4, 5, 7, 8, 9, 11, 12, 13

Aluno com Síndrome de Down 52

Aluno Surdo 26, 82, 85, 86, 87, 90, 91, 93, 94, 101, 106, 109, 110, 111, 157, 181

Apoio à inclusão 201

Atendimento Educacional Especializado 7, 9, 38, 64, 66, 69, 77, 78, 79, 86, 90, 122, 134, 135, 136, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 178, 200, 201, 202, 206, 207

Autismo 42, 63, 64, 119, 120, 121, 122, 125, 127, 130, 131, 132, 133

Avaliação de Políticas 70

B

Base de dados bibliográficas 187

Brasil 14, 15, 17, 21, 23, 25, 32, 47, 48, 50, 57, 64, 70, 72, 73, 79, 82, 83, 86, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 99, 104, 108, 109, 111, 116, 134, 135, 137, 138, 139, 154, 156, 160, 168, 169, 170, 171, 179, 181, 182, 187, 188, 189, 192, 194, 195, 196, 197, 198, 199

C

Cidade 76, 105, 117, 125, 153, 167, 169, 170, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 181, 196

Consciência Linguística 152, 154, 155, 157

Contextos 7, 8, 80, 89, 102, 123, 134, 135, 136, 138, 161, 162, 181, 182

Criança 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 53, 56, 57, 58, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 78, 84, 100, 120, 121, 123, 125, 126, 130, 132, 133, 188, 190, 191, 197, 198, 207

Cuidador na escola 196, 199, 200, 202, 203, 206

Cultura 1, 4, 5, 25, 28, 31, 35, 36, 44, 65, 73, 75, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 89, 90, 91, 92, 93, 142, 145, 152, 156, 157, 173, 174, 177, 178, 208

D

Deficiência visual 144, 151, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178

Design 24, 25, 26, 27, 30, 32, 149

Dificuldade de aprendizagem 61, 62

Discurso 57, 80, 180

Dislexia 63, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194

E

Educação Básica 11, 17, 18, 25, 39, 44, 56, 70, 71, 74, 77, 90, 99, 142, 143, 151, 165, 208
Educação de Jovens e Adultos 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165
Educação de Surdos 75, 78, 79, 80, 81, 83, 86, 90, 93, 94, 95, 98, 100, 102, 104, 118
Educação em Saúde 34
Educação Especial 7, 12, 14, 15, 16, 18, 21, 22, 23, 39, 44, 53, 61, 63, 65, 66, 77, 78, 83, 86, 87, 88, 92, 93, 94, 102, 103, 104, 108, 118, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 145, 159, 163, 165, 178, 186, 190, 191, 193, 197, 198, 199, 206, 207
Educação Inclusiva 1, 2, 3, 7, 9, 11, 15, 18, 21, 51, 60, 78, 85, 86, 87, 90, 91, 92, 93, 94, 100, 108, 118, 134, 135, 136, 137, 139, 151, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 196, 197, 198, 199, 201, 207
Educação Profissional 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151
Educação Superior 1, 2, 3, 4, 5, 6, 11, 12, 14, 15, 17, 22, 23, 35, 47, 48, 72
Ensino de Libras L2 180
Escrita 1, 43, 47, 58, 63, 66, 68, 75, 77, 81, 82, 88, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 153, 154, 156, 168, 184, 185, 188, 190, 191, 193, 204
Estratégias 1, 7, 8, 10, 35, 42, 53, 54, 59, 60, 61, 65, 88, 90, 108, 128, 144, 155, 159, 160, 163, 164, 177, 183, 185, 191, 202

F

Formação de Professores 25, 56, 85, 88, 90, 92, 141, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 164, 208

I

Inclusão 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 31, 32, 33, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 72, 73, 74, 75, 77, 79, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 99, 101, 103, 108, 109, 111, 117, 118, 119, 120, 122, 131, 132, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 155, 157, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 181, 188, 189, 196, 198, 199, 200, 201, 203, 206, 207
Infância 38, 40, 43, 44

J

Jogo Librário 24, 25

L

L1 152, 153, 155, 182
Lazer 97, 136, 167, 170, 173, 174, 177, 178
Libras 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 75, 76, 77, 79, 80, 81,

82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 113, 116, 117, 118, 138, 139, 145, 148, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186

Língua Brasileira de Sinais 16, 25, 31, 34, 35, 46, 48, 49, 50, 75, 76, 84, 85, 86, 87, 91, 92, 99, 101, 103, 106, 116, 118, 181, 185

Línguas de sinais 95, 152, 156

Ludicidade 67, 68, 119, 120, 123, 128, 130, 131, 208

M

Meio Ambiente 24, 26, 27, 29, 30, 31

Moçambique 134, 135, 137, 138, 139, 140

N

Núcleo de Acessibilidade 1, 6, 8, 10, 12, 13

P

Painel Sensorial 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69

Pessoas com deficiência 2, 3, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 40, 50, 53, 66, 79, 108, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 150, 151, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179

Políticas Educacionais 70, 83, 102, 135, 136, 138, 149

Português 25, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 118, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 184, 185, 189, 191

Prática docente 52, 56, 58, 59, 100, 102, 103

R

Revisão 17, 24, 46, 49, 59, 69, 75, 80, 85, 87, 132, 187, 189, 190, 193

S

Sala de Recursos 44, 61, 62, 63, 67, 68, 77, 132

Sinopses Estatísticas 14, 17, 18, 19

Surdez 35, 37, 48, 76, 80, 82, 83, 85, 87, 89, 90, 91, 93, 95, 96, 99, 100, 101, 102, 104, 152, 158, 180, 182, 186, 202

Surdos 24, 25, 26, 28, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 48, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 113, 116, 118, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 180, 181, 182, 186

T

Tecnologia Social 24, 25, 32, 179

Terminologias de Química e Biologia em Libras 105

Trajetórias de aprendizagem 38, 42

EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

4

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

**Atena**
Editora

Ano 2020

EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

4

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

**Atena**
Editora

Ano 2020